

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

CLARA KUSER-FALCÃO

ENRIQUECENDO A NARRATIVA:

UMA ANÁLISE DAS NOTAS DE RODAPÉ EM *CRAZY RICH ASIANS*

CAMPINAS

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS (BACHARELADO)

CLARA KUSER-FALCÃO

ENRIQUECENDO A NARRATIVA:

UMA ANÁLISE DAS NOTAS DE RODAPÉ EM *CRAZY RICH ASIANS*

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Silvana Maria Teixeira CRB
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

418.02 Kuser-Falcão, Clara
K97e

Enriquecendo a narrativa: uma análise das notas de rodapé em Crazy Rich Asians / Clara Kuser-Falcão. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.

21 f.

Orientador: Eliane Righi de Andrade.

TCC (Bacharelado em Letras) - Faculdade de Letras, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Tradução e interpretação. 2. Estrangeirismo. 3. Notas de rodapé. I. Andrade, Eliane Righi de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Letras. III. Título.

23. ed. CDD 418.02

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

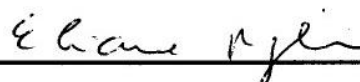
LETRAS: PORTUGUÊS/INGLÊS (BACHARELADO)

CLARA KUSER-FALCÃO

ENRIQUECENDO A NARRATIVA:

UMA ANÁLISE DAS NOTAS DE RODAPÉ EM *CRAZY RICH ASIANS*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado e aprovado em 12 de
junho de 2023 pela comissão
examinadora:



Profa. Dra. Eliane Righi de Andrade

Orientadora e presidente da comissão
examinadora.

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas



Profa. Dra. Eliane Fernandes Azzari

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas

CAMPINAS

2023

RESUMO

Uma das características mais marcantes do romance *Crazy Rich Asians*, escrito por Kevin Kwan (2013; 2018), é o uso de expressões e elementos da cultura singapurense, mesmo sendo um livro escrito predominantemente em inglês. Com a intenção de aproximar o leitor da narrativa e esclarecer características culturais, Kwan faz uso do recurso paratextual da nota de rodapé. Tendo como objeto de análise um recorte de notas de rodapé desse romance e de sua tradução para língua portuguesa, este trabalho, sendo ele um estudo de caso, buscou examinar o uso desse recurso, tanto em obras originais quanto em traduções, e sua função para o leitor no que diz respeito ao seu acesso à aspectos de uma cultura estrangeira. A presença das notas de rodapé garante a comunicação intercultural em uma obra, seja ela uma tradução ou texto de partida. Teve-se como base para esse trabalho os estudos de Genette (2009), Mittmann (2003), Duke (1993), Barbosa (2004) e Venuti (2008).

Palavras-chave: Tradução. Paratexto. Notas de rodapé. *Crazy Rich Asians*.

ABSTRACT

One of the most noteworthy features of the novel *Crazy Rich Asians*, written by Kevin Kwan (2013; 2018), is the use of expressions and elements of the Singaporean culture, even though the book is predominantly written in English. With the intention of bringing the reader closer to the narrative and clarifying cultural characteristics, Kwan makes use of the paratextual resource of the footnotes. With the object of analysis being a selection of footnotes from the novel and its translation into Portuguese, this work, as a case study, aimed to examine the use of this resource in original works, as well as in translations, and its function to the reader regarding their access to aspects of a foreign culture. The presence of footnotes guarantees intercultural communication in a book, be it a translation or the original text. This work used, as a basis, the studies of Genette (2009), Mittmann (2003), Duke (1993), Barbosa (2004), and Venuti (2008).

Keywords: Translation. Paratext. Footnotes. *Crazy Rich Asians*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 METODOLOGIA	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3 ANÁLISE DAS NOTAS DE RODAPÉ EM <i>CRAZY RICH ASIANS</i>	13
CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS.....	20

INTRODUÇÃO

Em 2013, Kevin Kwan publicou seu romance *Crazy Rich Asians*, mais tarde traduzido para o português brasileiro por Ana Carolina Mesquita e publicado no Brasil pelo Grupo Editorial Record em 2018, com o título *Asiáticos podres de ricos*. O livro narra a história da nova-iorquina Rachel Chu e sua viagem para Singapura para conhecer a família e amigos de seu namorado Nicholas Young. Ao chegar lá, Rachel descobre que seu namorado vem de uma das famílias mais ricas da Ásia, e tanto a personagem quanto o leitor são introduzidos ao luxuoso mundo das pessoas “podres de ricos”. O livro é escrito em inglês, porém, como se trata de personagens de origem singapurense, contém estrangeirizações e referências a elementos típicos da cultura asiática e, mais especificamente, de Singapura, como gírias, expressões, locais e costumes.

Kwan, que nasceu e morou em Singapura até se mudar para os Estados Unidos com seus pais aos 11 anos, usa seu conhecimento e familiaridade com o universo da narrativa para esclarecer o romance, por meio de notas de rodapé, com traduções, definições e explicações dos estrangeirismos para os leitores não familiarizados com essa cultura. Mesquita, além de traduzir essas notas, acrescenta 21 “notas da tradutora”, destinadas ao público brasileiro.

Ao ler o romance pela primeira vez em 2019, uma das características que mais me chamou atenção foi a utilização por parte de autor desse espaço paratextual¹, algo que não se encontra com frequência em obras literárias de ficção. Um dos maiores problemas enfrentados por tradutores é a dificuldade da tradução de elementos culturais, porém, mesmo assim, são poucas as traduções literárias que empregam essa estratégia, principalmente para obras contemporâneas. Essa relutância por parte das editoras pode ser notada com o Manual da Sextante, apresentado por Teresa Dias Carneiro (2021) em seu texto *Insoumises, de Conceição Evaristo: a tradução vista sob a lente de elementos paratextuais*, que afirma sobre a nota do tradutor:

Evitar ao máximo a utilização desse recurso. Se a tradução do termo ou expressão for curta, fornecê-la entre parênteses. Caso contrário, redigi-la na sequência do texto como se fosse parte do original. [...]

¹ A explicação dos elementos paratextuais será realizada posteriormente no tópico de fundamentação teórica.

Quando for realmente necessário inserir “nota do tradutor”, usar asterisco e a indicação N. do T. (em itálico). (CARNEIRO, 2021, p. 121)

Espera-se que esse estudo contribua e inspire mais pesquisas sobre o uso da paratextualidade, especificamente das notas de rodapé, na tradução literária e demonstre sua utilidade para tradutores, editoras e leitores, tanto do texto de partida como do traduzido.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo principal observar como as notas de rodapé podem ser utilizadas em livros, nas suas línguas originais e nas traduções, cujos aspectos culturais descritos apresentam grande relevância para a narrativa, a fim de facilitar o entendimento da obra e trazer elementos inusitados ao leitor. Isso será realizado através da seleção e análise do recorte de oito notas de rodapé, tanto da edição no inglês quanto da edição no português, além de mais duas notas da tradutora, as quais foram selecionadas a partir de um total de 107 notas de rodapé da edição em inglês e 128, contando com as 21 notas da tradutora, da edição em português. Tendo em mente o trabalho de tradução que o próprio autor realiza em suas notas, elas serão consideradas, nesse estudo, sob a visão de notas tradutórias², mesmo sendo mencionadas como “notas do autor”. Para realizarmos nosso objetivo, selecionaremos e categorizaremos as estrangeirizações³; analisaremos as notas feitas pelo autor e pela tradutora, identificando as estratégias utilizadas em suas traduções; e observaremos como as notas do autor feitas a partir de sua familiaridade com a cultura de partida tornam essa cultura acessível para o leitor.

1 METODOLOGIA

O estudo utiliza a pesquisa qualitativa interpretativa, definida por Taís Vernaglia (2020) como uma pesquisa que “[...] trabalha com descrições, comparações e interpretações”, ao contrário da quantitativa que se preocupa com estatísticas, regras e coleta de dados numéricos. Esse tipo de pesquisa foi aplicado para o presente estudo uma vez que foi realizada a análise, a partir de comparações e interpretações,

² Consideramos que qualquer nota de rodapé é uma prática tradutória, ainda que intralinguística.

³ A definição de “estrangeirizações” será apresentada posteriormente no tópico de Fundamentação teórica.

de um recorte de notas de rodapé obtidas da obra escolhida em ambas as línguas, de partida e de chegada.

O trabalho é, também, um estudo de caso, o qual visa a observação de uma situação particular a partir de um enfoque exploratório (GODOY, 1995). Primeiro há a definição do objeto de pesquisa, depois uma delimitação do problema a ser estudado e, por fim, a análise de dados coletados (OLIVEIRA, 2008). O objeto de análise do estudo será um recorte de notas de rodapé contidas no romance *Crazy Rich Asians* e da sua tradução para a língua portuguesa, além de duas notas da tradutora.

Das 128 notas totais, foram escolhidas duas notas para cada categoria⁴ encontrada no texto (gíria, expressão utilizada em outra língua/dialeto, honoríficos, outros aspectos culturais e duas notas da tradutora), totalizando dez notas a serem introduzidas e analisadas. Para a seleção, consideramos tanto a frequência com que os termos das notas escolhidas são utilizados na obra, como as notas que continham explicações além de traduções, visando expor exemplos de diferentes idiomas e dialetos. Realizaremos, então, uma análise das notas de rodapé escolhidas, considerando como as informações nelas contidas tornam a cultura singapurense mais acessível ao leitor, e identificaremos os procedimentos utilizados por Mesquita na tradução das notas, tendo como base o livro de Heloísa Gonçalves Barbosa (2004) sobre os procedimentos técnicos da tradução.

Como base teórica para a análise foi realizado um estudo bibliográfico sobre teorias da tradução e selecionados textos que discutem procedimentos tradutórios (BARBOSA, 2004), assim como o uso da paratextualidade (DUKE, 1993; GENETTE, 2009; MITTMANN, 2003) e de estrangeirismos (VENUTI, 2008) na tradução, o que será apresentado no tópico a seguir.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Gérard Genette (2009), os paratextos, termo cunhado pelo autor em 1979, são um conjunto de elementos que acompanham e articulam-se a um texto principal, como o título e subtítulo, o sumário, a capa, a dedicatória, as notas de rodapé, o prefácio e o posfácio, por exemplo. Existem diversos métodos, intra e paratextuais, que o autor ou tradutor podem utilizar para incorporar uma informação

⁴ As definições de cada categoria serão apresentadas posteriormente no tópico de análise.

considerada necessária na obra: como o uso de um prefácio, notas de rodapé ou ao final do livro, ou até mesmo a inserção das explicações diluídas no próprio corpo do texto – separando-as por vírgulas, travessões, aspas ou parênteses. O presente estudo irá focar e discutir o uso de um desses elementos paratextuais, a nota de rodapé, como um meio para se explicar trechos de um texto, tanto em uma obra original quanto em uma tradução.

A presença de notas de rodapé em uma obra é um tópico que causa discordância entre muitos teóricos da área de tradução. Por um lado, as notas servem como um espaço para o tradutor esclarecer algum conceito do texto de partida para os leitores do texto de chegada, porém pode-se argumentar que o uso das notas interrompe a fluidez da leitura. As notas do tradutor (N.T.) manifestam, intencionalmente ou não, a voz do tradutor, e aqueles que consideram a visibilidade do mesmo desnecessária à tradução irão pensar o mesmo desse tipo de paratextualidade.

Solange Mittmann (2003), em seu livro *Notas do tradutor e processo tradutório*, introduz duas perspectivas principais a respeito do uso das N.T. Na primeira, as notas são vistas como um suplemento utilizado para auxiliar o leitor com a compreensão de algum trecho que, na visão do tradutor, precise de clarificação. As explicações devem ser objetivas, servindo apenas para facilitar a leitura da tradução, não como um local para o tradutor expressar suas opiniões. Referindo-se aos estudos de Eugene Nida, Mittmann (2003, p. 115) apresenta duas funções para a nota de rodapé, sendo elas de:

[...] acrescentar informações que possam ser úteis para a compreensão do contexto histórico-social e de corrigir discrepâncias linguísticas e culturais. Isso é feito, por exemplo, explicando costumes diferentes, identificando objetos e lugares desconhecidos, apresentando equivalentes de pesos e medidas, oferecendo informações sobre trocadilhos e incluindo dados sobre nomes próprios.

Essas funções podem ser aplicadas ou na tradução de uma obra ou em sua versão original, como poderá ser visto com o objeto de análise desse estudo.

A segunda perspectiva, discutida por Dawn Alexis Duke (1993), enxerga a N.T. a partir de uma visão menos tradicional de tradução, na qual o tradutor tem um papel ativo na interpretação de uma obra e na produção de significados, o que se manifesta

tanto no texto como nos paratextos. Para Duke, adeptos da primeira perspectiva marginalizam a N.T. assim como o próprio tradutor, vendo a tradução como uma apresentação de informações e não como produção de sentido. Para essa perspectiva, a N.T. seria uma extensão do texto traduzido, servindo como "[...] uma confirmação textual da interpretação" do tradutor (p. 57).

Uma utilidade para as notas de rodapé na tradução, da qual ambos o autor e a tradutora da obra a ser analisada usufruem, uma vez que o autor também atua como tradutor, é a possibilidade de explicar eventuais estrangeirizações encontradas no corpo do texto, como a presença de termos e expressões em sua língua de origem (apresentados sempre em itálico para marcar que se trata de um termo que não pertence à língua de chegada) ou elementos culturais que não foram adaptados da cultura de partida para a de chegada. O conceito de estrangeirização foi introduzido por Lawrence Venuti em 1995, no seu livro *A invisibilidade do tradutor*, sendo apresentado em oposição à prática de domesticação. Segundo o autor:

[a] prática domesticadora seria uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores da cultura de chegada, trazendo o autor para casa; e a prática estrangeirizadora, uma pressão etnodesviante sobre esses valores para registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro, enviando o leitor para fora [de seu espaço original].⁵ (VENUTI, 2008, p. 15, tradução nossa)

A estrangeirização reforça as diferenças do texto estrangeiro, ressaltando para o leitor do texto de chegada que ele está lendo uma tradução. Venuti (2008, p. 16) sugere que o uso dessa estratégia pode ser "[...] uma forma de resistência contra etnocentrismo e racismo, narcisismo cultural e imperialismo"⁶ (tradução nossa), uma vez que destaca aspectos de culturas marginalizadas em uma sociedade com uma hegemonia da língua inglesa. A estrangeirização é uma oportunidade para o tradutor compartilhar o "estrangeiro" com os leitores da língua de chegada, em vez de remover as características estrangeiras de um texto em sua domesticação.

⁵ No original: "[...] *domesticating practice, an ethnocentric reduction of the foreign text to receiving cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing practice, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural differences of the foreign text, sending the reader abroad.*"

⁶ No original: "*a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism.*"

Diversos autores, como Catford, Vinay e Darbelnet, Newmark, Aubert e Vázquez-Ayora, já se propuseram a expor e definir os diferentes procedimentos tradutórios. Heloísa Gonçalves Barbosa (2004) em seu livro *Procedimentos técnicos da tradução*, retoma os estudos desses autores e apresenta para seus leitores treze procedimentos. Na *tradução palavra-por-palavra*, a ordem sintática do segmento se mantém igual nas duas línguas, porém é raro que isso aconteça. A *tradução literal* apresenta fidelidade semântica, mas a ordem sintática é modificada para se adequar à língua de chegada. A *transposição* se caracteriza pela mudança de classe gramatical de elementos do trecho traduzido. A *modulação* é a reprodução de uma mensagem sob um ponto de vista diferente; isso reflete o modo como cada cultura vivencia um evento de diferentes maneiras. A *equivalência* ocorre quando há a troca de um segmento por outro funcionalmente equivalente, e é “normalmente aplicad[a] a clichês, expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares e outros elementos cristalizados da língua” (BARBOSA, 2004, p. 68).

Para elementos considerados desnecessários ou repetitivos, é feita a *omissão*; o procedimento inverso é chamado de *explicitação*. A *compensação* é o deslocamento de um recurso estilístico, como o trocadilho, quando não é possível utilizar o recurso no mesmo trecho que o da língua de partida. Na *reconstrução* é feita a divisão ou junção de períodos e orações de acordo com o que é comumente feito na respectiva língua de chegada. A *transferência* é a introdução de elementos da língua de partida no texto de chegada, ou seja, os estrangeirismos. Esses termos podem se encontrar sem ou com explicações, tanto diluídas no texto quanto em forma de notas (de rodapé, ao final do capítulo ou ao final do livro). A fim de eliminar o estrangeirismo do texto, o tradutor pode também escolher substituí-lo pela sua *explicação*. O *decalque* consiste na tradução literal de um termo estrangeiro e, por fim, a *adaptação* ocorre quando a situação a qual o texto de partida se refere “não existe na realidade extralinguística dos falantes da [língua de chegada]” (BARBOSA, 2004, p. 76), sendo necessário, portanto, que o tradutor a recrie por uma situação equivalente.

Em *Crazy Rich Asians*, o autor, assim como a tradutora, utiliza o procedimento de transferência com explicação nas notas de rodapé para os estrangeirismos introduzidos. Serão identificados, portanto, os procedimentos empregados por Mesquita para a tradução das notas de rodapé.

Tendo sido feita uma exposição dos conceitos e teorias a serem utilizados no decorrer desse estudo, partimos agora para a análise da seleção de notas de rodapé contidas no romance *Crazy Rich Asians* e em sua tradução para a língua portuguesa.

3 ANÁLISE DAS NOTAS DE RODAPÉ EM *CRAZY RICH ASIANS*

As notas de rodapé escolhidas foram divididas em cinco categorias, como pode ser visto no quadro abaixo, que apresenta as notas em inglês do autor e em português da tradutora, além das palavras e sentenças às quais elas se referem.

Quadro 1 - Notas de rodapé em *Crazy Rich Asians* e *Asiáticos podres de ricos*

Categoria	Palavra/sentença	Nota em inglês	Nota em português
Gíria (N. do A. ⁷)	<i>alamak</i>	Malay slang used to express shock or exasperation like “oh dear” or “oh my God.” <i>Alamak</i> and <i>lah</i> are the two most commonly used slang words in Singapore. (<i>Lah</i> is a suffix that can be used at the end of any phrase for emphasis, but there’s no good explanation for why people use it, <i>lah</i>) (KWAN, 2013, p. 4)	Gíria malaia utilizada para demonstrar surpresa ou exasperação; algo como “ai, meu Deus” ou “minha nossa”. <i>Alamak</i> e <i>lah</i> são os termos coloquiais mais usados em Cingapura. (<i>Lah</i> é um sufixo que pode ser usado no final de qualquer frase para indicar ênfase, mas não existe uma boa explicação para o seu uso, <i>lah</i> .) (KWAN, 2018, p. 10)
	<i>aksi borak</i>	A Malay slang term that means “to act like a show-off or know-it-all” (basically, a pompous ass). (KWAN, 2013, p. 106)	Gíria malaia que significa “agir como alguém metido ou sabichão” (basicamente, um idiota que se acha). (KWAN, 2018, p. 107)
Expressão utilizada em outra língua/dialeto (N. do A.)	<i>cha si lang</i>	Hokkien phrase that translates to “stop bothering me to death,” used to scold people who are being noisy, annoying, or, as in	Expressão <i>hokkien</i> que se traduz literalmente como “pare de me entediá até a morte”, usada para repreender pessoas que estão sendo barulhentas, irritantes ou,

⁷ Nota do autor.

		Eddie's case, both. (KWAN, 2013, p. 338)	como no caso de Eddie, ambas as coisas. (KWAN, 2018, p. 317)
	<i>nay gong mut yeah</i>	Cantonese for "What are you saying?" or, better yet, "What the hell are you talking about?" (KWAN, 2013, p. 259)	Em cantonês, "como assim?". Ou melhor, "de que diabo você está falando?". (KWAN, 2018, p. 245)
Honorífico (N. do A.)	<i>Dato'</i>	A highly regarded honorific title in Malaysia (similar to a British knighthood) conferred by a hereditary royal ruler of one of the nine Malay states. The title is often used by Malay royals to reward powerful businessmen, politicians, and philanthropists in Malaysia, Singapore, and Indonesia, and some people spend decades sucking up just to get the title. The wife of a <i>dato'</i> is called a <i>datin</i> . (KWAN, 2013, p. 22)	Título honorífico de alto prestígio na Malásia (semelhante ao de cavaleiro na Grã-Bretanha), concedido por um governante hereditário da realeza de um dos nove estados malaio. Esse título costuma ser empregado pela realeza malaia para agraciar empresários poderosos, políticos e filantropos da Malásia, de Cingapura e da Indonésia, e algumas pessoas passam décadas puxando o saco apenas para obtê-lo. A esposa de um <i>dato'</i> é chamada de <i>datin</i> . (KWAN, 2018, p. 27)
	<i>Tan Sri</i>	The second most senior federal honorific title in Malaysia (similar to a British duke), conferred by a hereditary royal ruler of one of the nine Malay states; his wife is called a <i>puan sri</i> . (A <i>tan sri</i> is usually richer than a <i>dato'</i> , and has likely spent far more time sucking up to the Malay royals.) (KWAN, 2013, p. 93)	Segundo título honorífico federal mais importante da Malásia (semelhante ao de duque na Grã-Bretanha), concedido pelo governante real hereditário de um dos nove estados malaio; a esposa recebe o título de <i>puan sri</i> . (Em geral, um <i>tan sri</i> é mais rico que um <i>dato'</i> e provavelmente passou mais tempo do que este puxando o saco da nobreza malaia.) (KWAN, 2018, p. 95)

Outros aspectos culturais (N. do A.)	eight hundred and eighty-eight/ 888	The number eight is considered by the Chinese to be an extremely lucky number, since in both Mandarin and Cantonese it sounds similar to the word for <i>prosperity</i> or <i>fortune</i> . Triple-eight means triple the luck. (KWAN, 2013, p. 362)	O 8 é considerado pelos chineses um número de extrema sorte, já que tanto em mandarim como em cantonês seu som é bastante parecido com o da palavra <i>prosperidade</i> ou <i>fortuna</i> . Três oitos significam o triplo de sorte. (KWAN, 2018, p. 339)
	Pulau Club	Singapore's most prestigious country club (with membership practically harder to obtain than a knighthood). (KWAN, 2013, p. 17)	O <i>country club</i> de maior prestígio de Cingapura (tornar-se sócio de lá é praticamente mais difícil do que se sagrar cavaleiro). (KWAN, 2018, p. 22)
Nota da tradutora (N. da T.)	Hongkies	-	Gíria para denotar pessoas de Hong Kong. Pode ou não ser usada de modo pejorativo, a depender do contexto. (MESQUITA, 2018, p. 231, nota de rodapé)
	Christian Helpers	-	Organização sem fins lucrativos de natureza cristã voltada para a caridade. (MESQUITA, 2018, p. 29, nota de rodapé)

Fonte: Elaboração própria

Foi determinado o título de “gíria” para a primeira categoria por ser a palavra utilizada pela própria tradutora ao se referir aos termos nas notas (traduzida do inglês *slang*). O dicionário Michaelis On-line⁸ define a palavra “gíria” como: “Vocábulo ou expressão de linguagem informal; *slang*”. A segunda categoria abrange expressões comumente utilizadas em malaio, cantonês ou *hokkien*, que não se encaixam na primeira categoria devido ao caráter informal da gíria. A terceira categoria é, novamente, o termo utilizado pela tradutora nas notas de rodapé. Já os “outros

⁸ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/giria>. Acesso em: 20 maio 2023.

aspectos culturais” não são expressões, mas informações oferecidas ao leitor a respeito de costumes, locais, superstições ou outras particularidades importantes à cultura singapurense e relevantes à narrativa.

Mittmann (2003), em sua análise das N.T., as divide em três recortes: a “não-coincidência entre o tradutor e o autor” (p. 135), em que o tradutor manifesta sua presença na nota com uma visão contrária ou em concordância ao autor; a “recorrência a outros discursos” (p. 145), na qual o tradutor faz referências a dicionários ou obras científicas para dar definições e explicações nas notas; e a manifestação, pelo tradutor, da “falta de palavras, a multiplicidade de sentidos e suas incertezas durante o processo tradutório” (p. 135). As notas de rodapé aqui apresentadas (exceto pelas últimas duas categorias) se encaixam no terceiro recorte feito por Mittmann, uma vez que, mesmo havendo uma forma de se explicar o significado dos estrangeirismos, pode-se entender que não há uma expressão correspondente que transmita a mesma relevância cultural. Para que se tenha uma distinção entre as notas de rodapé, as notas em inglês serão referidas como as notas do autor e as em português como as notas da tradutora, porém ambas estão sendo consideradas de acordo com a visão de notas tradutórias, uma vez que Kwan também realiza uma tradução de termos e características culturais em suas notas.

Alamak é a primeira gíria com nota de rodapé introduzida no livro e, juntamente com o sufixo *lah*, são os estrangeirismos mais encontrados repetidamente no livro (aparecendo 37 e 39 vezes, respectivamente). Essa frequência reflete o que o próprio autor nos informa sobre eles, que “[...] são os termos coloquiais mais usados em Cingapura” e, portanto, os mais usados pelos personagens ao longo da narrativa. Levando em consideração a quantidade de vezes que os termos aparecem, percebemos a confusão que causariam ao leitor que não as conhece caso a definição não fosse oferecida logo no começo do livro.

A segunda gíria escolhida, *aksi borak*, aparece quando uma personagem está reclamando sobre o que acontece quando os filhos são educados do outro lado do mundo, falando que “eles se tornam ocidentalizados demais e *aksi borak* quando voltam” (KWAN, 2018, p. 107). Da mesma forma que o primeiro exemplo, a falta de esclarecimento por meio do paratexto causaria confusão no leitor sobre o que a personagem quis dizer. Diferentemente da primeira nota, porém, além da tradução do termo, Kwan oferece ao leitor uma explicação mais informal da expressão, usando o

espaço paratextual não apenas para comunicar informações, mas para manifestar sua voz como tradutor, perspectiva discutida por Duke (1993) a respeito das N.T.

Mesquita, na tradução da primeira nota apresentada, consegue empregar o procedimento de tradução palavra-por-palavra ao traduzir “*oh my God*” para “ai, meu Deus”, porém aplica a equivalência na tradução “*oh dear*” para “minha nossa”, uma vez que uma tradução mais literal como “ai, querido” não ofereceria um significado equivalente. O segundo procedimento é utilizado também para a tradução das expressões na nota de rodapé de *aksi borak*.

Assim como o segundo exemplo, a nota de rodapé que acompanha a expressão *cha si lang* contém, além de sua tradução, uma explicação do autor sobre a ocasião em que alguém a utilizaria. Lendo o trecho em que a expressão se encontra, “*Aiyah, Eddie, cha si lang!* — ralhou Su Yi, juntando as duas mãos para lhe dar uma pancada na cabeça” (KWAN, 2018, p. 317), podemos concluir que a personagem está irritada com Eddie, portanto, nesse caso, a ausência da explicação não comprometeria o entendimento da fala. Nesse exemplo, as informações encontradas na nota – a tradução e o contexto em que é usada, “para repreender pessoas que estão sendo barulhentas [e] irritantes” – oferecem ao leitor uma oportunidade de conhecimento a respeito de uma expressão do dialeto *hokkien*. O mesmo pode ser dito da expressão *nay gong mut yeah*, no livro utilizada quando uma personagem é questionada a respeito da cor do seu vestido e, após utilizar a expressão, a pessoa que fez a pergunta esclarece. É possível concluir que ela não entendeu a pergunta, porém a nota nos informa não apenas a tradução, mas também que a expressão está sendo usada de uma forma mais enfática que um simples “como assim?”.

Ao traduzir a nota da primeira expressão, Mesquita (2018) faz uma tradução palavra-por-palavra de “*stop bothering me to death*”, porém ela traduz “*bothering*” como “entediar”, que se aproxima mais à definição de *bore* em inglês. Considerando o resto da nota de rodapé, poderíamos considerar as palavras “incomodar” ou “perturbar” como traduções mais adequadas. Já na nota da segunda expressão, ela utiliza a equivalência para ambas as frases.

Para os honoríficos, as notas apresentam tanto uma explicação, contendo uma comparação com títulos britânicos que têm uma maior probabilidade de serem entendidos por leitores ocidentais e a informação de quem os concede, como o conhecimento de que não são títulos conquistados por merecerem, mas sim por agradarem os membros da realeza. Novamente o autor se manifesta através da

informalidade no paratexto, dessa vez ao falar que as pessoas passam anos “puxando o saco” da nobreza para obterem o título, termo traduzido por Mesquita usando a equivalência.

O número 888 é mencionado quando o narrador está falando do número de convidados de um casamento ao qual os personagens principais comparecem. A nota esclarece para o leitor a importância do número oito para a cultura chinesa, um número que não é visto como sortudo no ocidente e, portanto, sua relevância não seria levada em consideração por grande parte dos leitores sem a presença da nota de rodapé. A leitura não seria comprometida sem a nota, porém o conhecimento do contexto cultural adiciona à narrativa o fato dos noivos terem exatamente o número de convidados necessários para “o triplo de sorte”. Similarmente, a nota referente ao *Pulau Club* mostra ao leitor, logo no início do livro, quão influente e privilegiada a família do personagem principal é de ter acesso a um clube tão exclusivo; informação que não se mostra essencial para o comprometimento da narrativa, mas oferece um conhecimento a mais para o leitor.

Ao traduzir “*eight hundred and eighty-eight*”, Mesquita aplica a modulação ao escrever o número com algarismos, uma vez que a língua portuguesa favorece esse método para a escrita de números de 11 a 999. Na tradução da nota, porém, ela utiliza ambas a escrita com algarismo e por extenso para escrever o número oito, ocasião em que a escrita por extenso seria mais adequada, pois costumamos escrever números de zero a dez por extenso em português brasileiro. Na segunda nota dessa categoria, a tradutora aplica o procedimento da transferência, mantendo a estrangeirização “*country club*”, em itálico para marcar a presença de um termo estrangeiro à língua de chegada, sem oferecer uma explicação para o público brasileiro.

A primeira N. da T. escolhida contém a explicação de um termo utilizado em Singapura para se referir a pessoas de Hong Kong. No contexto em que é utilizado no livro, “E quem são esses babacas? Aposto que são Hongkies! Esses Hongkies *ya ya*⁹ acham que são os donos do mundo!” (KWAN, 2018, p. 231), é possível perceber que a personagem está falando sobre as pessoas de Hong Kong de uma maneira pejorativa, motivo pelo qual o autor pode não ter visto necessidade em explicar o

⁹ “Gíria *singlish* de origem javanesa que significa ‘arrogante’, ‘metido’”. (KWAN, 2018, p. 231)

termo. A tradutora, porém, decide esclarecer o significado da gíria para os leitores brasileiros.

A segunda N. da T. escolhida é referente a uma organização conhecida nos Estados Unidos e, por consequência, por maior parte do público-alvo do livro em inglês, motivo pelo qual Kwan não utiliza a nota de rodapé para oferecer uma definição. Todavia, para o público-alvo da tradução em português, Mesquita considera importante a inclusão de uma explicação, uma vez que o contexto não ajuda em sua compreensão: “Olhe, Carol, a *Tattle* dedicou duas páginas inteirinhas à sua noite de gala em prol dos Christian Helpers!” (KWAN, 2018, p. 29). A tradutora poderia ter escolhido adaptar a organização para uma equivalente no Brasil, que seria compreendida por leitores brasileiros sem a necessidade de uma nota de rodapé, porém é provável que a inclusão de uma organização brasileira no meio de uma narrativa que se passa em parte nos Estados Unidos e em parte em Singapura ficaria destoante do restante do livro, o que explicaria a decisão de Mesquita de manter a estrangeirização e adicionar uma explicação.

A partir da exposição e análise das notas de rodapé escolhidas, vemos como elas oferecem uma melhor explicação ou conhecimento a respeito das expressões, características culturais e dos trechos onde se encontram. Kwan oferece ao leitor não apenas a tradução das estrangeirizações, mas também definições e o contexto e a forma em que as expressões são utilizadas na cultura singapurense. Sem a presença desse elemento paratextual, muitos leitores não compreenderiam o significado das expressões, o contexto social e econômico por trás de um honorífico, a importância de um local ou de até mesmo um número para a cultura sendo retratada e, por consequência, para a obra como um todo. Essa inclusão beneficia também a tradutora, que também é uma leitora da obra, ao ajudar com suas escolhas tradutórias das notas, assim como a relação com outros elementos intertextuais, uma vez que os contextos linguísticos e culturais de um texto são aspectos importantes a serem considerados ao se realizar uma tradução.

Percebemos, portanto, que a nota de rodapé não é apenas um recurso a ser considerado na tradução, mas em qualquer texto literário que apresente aspectos culturais relevantes para a narrativa, visto que ela possibilita o uso da estrangeirização sem que o leitor seja impedido de compreender falas ou referências, garantindo a presença e propagação de diferentes valores culturais em uma obra.

CONCLUSÃO

Este estudo buscou discutir o uso das notas de rodapé, conceito entendido a partir dos estudos sobre paratextualidade realizados por Genette (2009) e de notas do tradutor por Mittmann (2003), em uma obra em que aspectos culturais são características de grande importância para a narrativa, facilitando o entendimento total da obra pelo leitor e tornando acessível a cultura estrangeira. Para isso, selecionamos e categorizamos um recorte de notas de rodapé do romance *Crazy Rich Asians* e de sua tradução para a língua portuguesa. As informações providenciadas pelas notas de rodapé das primeiras três categorias analisadas são as traduções, definições e, como no caso dos honoríficos, contextualização cultural. No caso das duas últimas categorias, como não se trata de expressões singapurenses, elas lidam apenas a contextualização cultural.

A partir da análise dessas notas, vimos que o conhecimento acrescentado a uma obra por meio desse espaço paratextual auxilia na comunicação intercultural, tanto em um texto original quanto em uma tradução, uma vez que assistem ao leitor com a melhor compreensão de características estrangeiras presentes no texto e, no caso da tradução, da cultura fonte. Na tradução, a presença da estrangeirização visibiliza o tradutor, evidenciando para o leitor que o texto se trata de uma tradução e que a língua de chegada não é a língua original, algo que não ficaria claro caso fosse aplicado o processo de domesticação (VENUTI, 2008).

Para os fins desse estudo, nos limitamos a um recorte feito das notas de rodapé de *Crazy Rich Asians* e sua tradução para a língua portuguesa, deixando em aberto para pesquisadores futuros explorarem o uso da paratextualidade em outras obras que contém referências culturais específicas, assim expandindo, assim, a área de estudo a respeito do uso das notas de rodapé (ou notas ao final do capítulo e do livro) para o esclarecimento de informações estrangeiras em um texto.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, H. G. **Procedimentos Técnicos da Tradução**: uma nova proposta. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.

CARNEIRO, T. D.; VALENTE, M. I. Insoumises, de Conceição Evaristo: a tradução vista sob a lente de elementos paratextuais. **Tradterm**, v. 39, p. 106-131, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v39p106-131>. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/182933>. Acesso em: 20 maio 2023.

DUKE, D. A. **Traçando os rumos da nota de tradutor**: o caso de O mundo se despedaça. 1993. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp, Campinas, 1993.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GÍRIA. *In*: **Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/giria>. Acesso em: 20 maio 2023.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

KWAN, K. **Crazy Rich Asians**. New York: Anchor Books, 2013.

KWAN, K. **Asiáticos podres de ricos**. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MITTMANN, S. **Notas do tradutor e processo tradutório**: análise sob o ponto de vista discursivo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, v. 2, n. 3, 2008.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. 2. ed. Abingdon: Routledge, 2008.

VERNAGLIA, T. V. C. Pesquisa Qualitativa. **eduCAPES**. Universidade Federal do Estado de Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/581071>. Acesso em: 20 maio 2023.